



BOLETIM

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

DE

LISBOA

SÉRIE 122^a - N.ºs 1-12

JANEIRO-DEZEMBRO - 2004

SUMÁRIO

p. 111-120

EVOCAÇÃO DO PROF. SILVA TELES // O FUTURO DA EUROPA NA PERSPECIVA DO PROJECTO DE CONSTITUIÇÃO EUROPEIA FACTORES HISTÓRICOS, SOCIAIS, POLITICOS E CULTURAIS // A ALMA JAPONESA // O AEROPORTO DE LISBOA E EMINÊNCIA DO DESASTRE TÉCNICO E ECONÓMICO O PARÂMETRO ENGEITADO E A PEDRA ANGULAR // O LABORATÓRIO SANITAS - HISTÓRIA MEMÓRIA MEDICINA // O 2.º VISCONDE DE SANTARÉM E A QUESTÃO DO CORSÁRIO GENERAL ARMSTRONG // O COMPROMISSO DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE PALMA (ALCÁÇER DO SAL) // TRANSCRIÇÃO CORRECTA DA VISITAÇÃO DA VILA DO BARREIRO, DE 13 DE DEZEMBRO DE 1570 (SANTIAGO 218, EX B-50-228) // RIO GUADIANA - AS CHEIAS, AS SECAS E O TERRAMOTO DE 1755 NOS TERMOS DE JUROMENHA E OLIVENÇA (1200-1800) // F. BANDEIRA FERREIRA, UM LABOR DE EPIGRAFISTA. // O PADRE ESCRIVÃO ANTÓNIO BARROS // SABER ICTIOLÓGICO E SUAS APLICAÇÕES EM PORTUGAL (ÉPOCA PRÉ-LINEANA // ESCUDOS, FACTOS E EFEITOS // ACTIVIDADES DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA // MOVIMENTO DA BIBLIOTECA DA S.G.L. EM 2004 RELAÇÃO DAS OBRAS ENTRADAS // A INFORMATIZAÇÃO DA BIBLIOTECA DA S.G.L. PROJECTO SOGELIS (POCTI/2001/HAR/40005/C) // MUSEU ETNOGRÁFICO DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA // ACTIVIDADES NO ÂMBITO DO PROJECTO PHOTOLIS (POCTI/2001/HAR/40004) // ACTIVIDADES NO ÂMBITO DO PROJECTO CATETO (POCTI/2001/HAR/40003) // CONTADOR MOGOL DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO // VIVÊNCIAS, OLHARES E MEMÓRIAS // A ARTE SEPULCRAL DOS MBALIS // TÚMULOS TRADICIONAIS DA QUIBALA (ANGOLA) // MORTE E ENTERRO DE UM SOBA E ELEIÇÃO DO SEU SUCESSOR, DE SEGUNDO ANTIGA TRADIÇÃO DOS QUIBALAS (ANGOLA) // NORMAS PARA PUBLICAÇÃO ARTIGOS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA S.G.L., R. DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO
LISBOA - PORTUGAL

F. BANDEIRA FERREIRA, UM LABOR DE EPIGRAFISTA*

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra

Quando, nos finais da década de 60, procedia à investigação com vista à elaboração da tese de licenciatura sobre as divindades indígenas documentadas em território português ao tempo dos Romanos, de pronto me deparei com a série de artigos publicada por Justino Mendes de Almeida e Fernando Bandeira Ferreira sob o título «Varia epigraphica», mormente na *Revista de Guimarães*. Tratava-se, a maior parte das vezes, de bem documentada revisão de epígrafes publicadas ou, ainda, da cuidada publicação de monumentos inéditos, partindo sempre da observação da peça, designadamente daqueles que apresentavam problemas de interpretação. Os autores não voltavam costas à liça!

Desde cedo me apercebi, portanto, do enorme interesse desta série a que dedicadamente se votaram.

Não conhecia nem um nem outro – apenas do que escreviam. Imaginava-os investigadores sisudos, plenos de erudição e de saber. E não me enganava!

Fiz cuidadosamente as fichas bibliográficas de cada artigo; anotei os monumentos estudados, para que lhes não perdesse o rasto, pois tanto poderiam tratar de um de Lisboa como de Santarém.

Defendida a tese de licenciatura em Janeiro de 1970, seguiu-se a pausa natural, no tempo em que fui docente na Escola Salesiana do Estoril, embora sempre tivesse mantido o contacto com a ciência epigráfica. Aliás, a dissertação acabaria por vir a ser publicada, em 1975, sob chancela da Imprensa Nacional – Casa da Moeda e com o título *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)*. Concorri, pouco depois, a um lugar de assistente estagiário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, para leccionar Epigrafia. Tendo sido aceite, entrei para a Faculdade em Abril de 1976, com uma oportunidade única: leccionar Epigrafia Latina como disciplina anual (até aí, a Epigrafia aparecia no currículo de História como semestral (de três meses!...)). Isso proporcionou-me a ocasião

* Texto que procura reproduzir a comunicação feita na Sociedade de Geografia de Lisboa, a 16 de Junho de 2004, na sessão de homenagem à figura do Dr. Fernando Bandeira Ferreira, promovida pela respectiva Secção de Arqueologia, de que o homenageado fora membro assaz dinâmico e empreendedor. Manteve-se, por isso, o tom de oralidade, acrescentando-se, porém, os dados bibliográficos que na exposição oral haviam sido, naturalmente, omitidos.

excepcional de interessar um escol de estudantes pelas lides epigráficas, escol de que me orgulho, pois inclusive para vários deles o primeiro trabalho científico a que se aventuraram foi precisamente no domínio da Epigrafia!...

Voltei, de novo, ao «convívio» de Fernando Bandeira Ferreira e Justino Mendes de Almeida, porque faziam, naturalmente, parte da História da Epigrafia que necessariamente tive de gizar, para que os estudantes compreendessem como é que se chegara até ali. Salientei-lhes, por conseguinte, como a série *Varia epigraphica* viera, de certo modo, colmatar uma lacuna que se fazia sentir.

Por outro lado, cedo me determinei a elaborar, como dissertação de doutoramento, o *corpus* das inscrições romanas do *conventus Pacensis* e, por isso, Bandeira Ferreira foi, desde logo, leitura obrigatória, quer no que se refere a *Caetobriga*¹ quer no que concerne à complexa questão dos *Cornelii Bocchi* de Alcácer do Sal², quer, ainda, porque alguns dos títulos das *Varia epigraphica* abordavam epígrafes do Sul de Portugal³.

Esse estudo sobre os *Cornelii Bocchi*, por exemplo, é já trabalho de maior fôlego, bem arquitectado, analisando as várias hipóteses, dirimindo argumentos... A exacta identificação dos *Cornelii Bocchi* já era então um problema – como o é ainda hoje!...

Aliás, quando pensava no que iria dizer acerca de Bandeira Ferreira, ainda aventei a hipótese de – em jeito de exemplo – pegar em três ou quatro monumentos e mostrar assim, concretamente, o interesse que tivera a investigação árdua de ambos os investigadores e a sua. Confesso que não sei distinguir o trabalho de um e o de outro, nos textos que ambos assinam. Imagino, porém, Bandeira Ferreira como o «homem do monumento», digamos assim, o que vai ao terreno, minuciosamente tudo regista, e Justino Mendes de Almeida – dada a sua formação em Estudos Clássicos – daria a tonalidade erudita, do Latim, das comparações. Imagino – não sei se era assim!

Pegava, nesse caso, em três ou quatro monumentos e exemplificava.

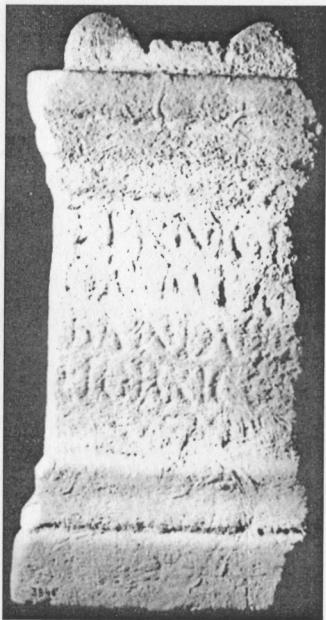
Um deles seria, sem dúvida, ou melhor, vários deles seriam os dos *Bocchi*. *L. Cornelius Bocchus*, o escritor da Lusitânia de que se fala? Que ligação com o – ou os – cavaleiro(s) de Alcácer do Sal, que ocuparam lugar de relevo na comunidade, sendo nomeados por diversas vezes para os mesmos cargos – sinal da sua enorme competência e superior prestígio?... E que estranha homenagem essa que lhe é prestada – a qual deles?

¹ «O problema da localização de Cetóbriga – seu estado actual», *Conimbriga* 1 1959 41-70.

² «A inscrição lusitano-romana da Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos) e o problema dos *Cornelii Bocchi*», *O Arqueólogo Português* 2ª série 3 1956 87-105.

³ Valerá a pena referir que a 1ª série, publicada na *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 3ª série 2 1958 132-171, aborda textos de Bucelas, Sintra, Beja, Alvito, Mértola e Lisboa! A 2ª série (*Revista de Guimarães* 75 1965, 76 1966, 77 1967 e 79 1969) constitui, por seu turno, notável périplo geográfico que vai desde Lisboa a Torre de Moncorvo!...

– pela *colonia Scallabitan* em pedestal, ora desaparecido, que veio a ser identificado no muro da graciosa Quinta da Sempre Noiva, lá para as bandas de Arraiolos, «metida na face exterior do troço meridional do muro que cerca completamente» a quinta?⁴ Descreve-a Bandeira Ferreira como bloco paralelepípedo de mármore azulado, ‘talvez de Montes Claros’, cuja espessura não logrou medir. Um mundo de hipóteses a que o monumento recentemente encontrado por Dias Diogo nas termas dos Cássios, em Lisboa⁵, em vez de clarificar, decerto ainda mais baralhou! Aí um *L. Cornelius Bocchus*, filho de Lúcio, da tribo Galéria, natural de Salácia, é apresentado como flâmine da província da Lusitânia, exerceu cinco vezes (!) a prefeitura dos artífices e ocupou o tribunado militar da VII Legião Augusta. O monumento foi colocado «por decreto dos decuriões» – do município olisiponense, entende-se. Regista-se, desta sorte, um triângulo assaz interessante – *Salacia, Olisipo, Scallabis* – que de imediato nos faz pensar em relações económicas importantes, baseadas na produção de azeite e de ânforas, por exemplo...



1 – Árula votiva de Alenquer.
Foto de Guilherme Cardoso.

Pois estes *Bocchi* continuam a dar que falar: Luís da Silva Fernandes dedicou-lhes a comunicação que fez ao Colóquio de Literatura Latina (Lisboa 2000), *De Augusto a Adriano*, intitulada «*Cornelius Bocchus, auctor Lusitanus* e notável de *Salacia*?» (Actas, p. 155-171); e Marta M^a González Herrero analisou pormenorizadamente os *cursus honorum* patentes nas várias epígrafes que deles conhecemos⁶.

O outro exemplo que escolheria – não fosse esta sessão mais de homenagem que de teor científico *stricto sensu* – seria a árula de Alenquer, até porque em 2001 Maria Manuela Alves Dias lhe deu outra interpretação, ao estudar o conjunto epigráfico romano do Museu de Alenquer⁷.

O outro exemplo que escolheria – não fosse esta sessão mais de homenagem que de teor científico *stricto sensu* – seria a árula de Alenquer, até porque em 2001 Maria Manuela Alves Dias lhe deu outra interpretação, ao estudar o conjunto epigráfico romano do Museu de Alenquer⁷.

⁴ CIL II 35; AE 1967 195; IRCP 185.

⁵ DIOGO (António M. Dias) e TRINDADE (Laura), «Homenagem a *L. Cornelius Bocchus*, encontrada nas termas dos Cássios (Lisboa)», *Ficheiro Epigráfico* 60 1999 n.º 275.

⁶ Cf.: *La Promoción Social de las Elites del Poder Lusitanorromanas y Su Presencia en los Círculos Dirigentes de Roma. Siglos I-III*, tese de doutoramento editada em CD-R pelo Servicio de Publicaciones de la Universidad de Oviedo [ISBN: 84-8317-261-5], Maio 2001, p. 252-278; e «Contribución al estudio prosopográfico de los *equites* lusitanorromanos: el *cursus honorum* protagonizado por el tribuno *Lucius Cornelius Lucii filius Galeria Bocchus*», *Aquila Legionis* 2 2002 33-57.

⁷ DIAS (Maria Manuela Alves) *et alii*, *Epigrafia Latina do Museu Municipal Hipólito Cabaço (Alenquer)*, Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, 2001, p. 26-28.

E este tema prende-se directamente com o meu primeiro encontro «oficial» (digamos assim) com Bandeira Ferreira e Justino Mendes de Almeida, no âmbito das lides epigráficas. E prende-se com esta casa.

Estando já eu em Coimbra e colaborando, desde logo, com o Professor Jorge de Alarcão na preparação da revista *Conimbriga*, terá chegado uma proposta para aí se publicar enigmática árula do Museu de Alenquer, de leitura assaz complicada. Que era dedicada à divindade *Banda* era. Mas sob que epíteto? E quem a dedicava?

Se, no meu estudo, para além de *Endovellicus*, houvera divindade que mais me seduzira – inclusive por influência de D. Fernando de Almeida – fora este, também enigmático, *Banda*⁸. E daí terá surgido a ideia – muito simpática e que ainda hoje me emociona – da parte dos dois investigadores de eu a eles me associar, fazendo, no artigo, a parte respeitante à divindade, o que mui honrosamente aceitei. E, não contentes com a publicação, que viria a concretizar-se⁹ – e terá sido essa, quiçá, a última publicação de Epigrafia de Fernando Bandeira Ferreira¹⁰ –, acabámos por preparar uma conferência para aqui, a Sociedade de Geografia, a 23 de Fevereiro de 1977, sob o título «Uma árula votiva achada em Alenquer»¹¹ – e essa é a primeira conferência que consta oficialmente no meu *curriculum vitae* científico!...

Já nessa altura se discutia se o ‘elemento’ *Banda*, com terminações diversas, seria substantivo e o elemento seguinte – *Tatibeaico, Isibreagui, Vordeaco...* – um adjectivo de carácter tópico ou etnónimo. Continua hoje essa polémica e, apesar dos argumentos expendidos, por exemplo, no catálogo da exposição ora patente no Museu Nacional de Arqueologia, por Javier de Hoz e Fernando Fernández Palacios – que, sintomaticamente (?), dão como título ao seu texto «Band-» (a lembrar o que D. Fernando de Almeida escrevia¹²) – apesar desses argumentos que apontam no sentido de se ver no “epíteto” não um epíteto mas o verdadeiro nome da divindade e que *Band* seria equivalente ao vocábulo *deus*, apesar disso, eu peço licença para continuar a considerar *band-* um substantivo e o elemento seguinte um adjectivo – como Nossa Senhora da Agrela, Nossa Senhora do Monte, Nossa Senhora de Fátima... E, quanto ao sexo, creio também que estamos conversados: os deuses não tinham e ora aparecem

⁸ Cf. ENCARNAÇÃO (José d’), «Banda, uma importante divindade indígena», *Conimbriga* 12 1973 199-214.

⁹ «Uma árula a Banduaetobrigus», *Conimbriga* XV 1976 139-146.

¹⁰ Há referência a mais um trabalho, publicado em 1978, mas é sobre as plantas e desenhos de Estácio da Veiga no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

¹¹ Cf. Notícia in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 95ª, (1-6), 1977, p. 85.

¹² Por exemplo, «Mais divindades lusitanas do grupo “band”», *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 9 1965 19-31. O texto de Javier de Hoz Bravo e Fernando Fernández Palacios vem nas p. 45-52 do referido catálogo: RIBEIRO (José Cardim) [coord.], *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002.

designados como masculinos ora como femininos, conforme o interesse e a devoção de cada qual¹³.

Pois sobre a árua de Alenquer, Maria Manuela Alves Dias sugeriu nova interpretação: já não é o *Banda Aetobricus* que eu preconizara, pondo a hipótese de o monumento ter vindo de algures do Norte de Portugal para a colecção do Museu Municipal Hipólito Cabaço, mas sim *Bandua Horrico*, o deus protector dos armazéns – *Horrico* derivaria de *borreum*, «celeiro». Mantêm-se as dúvidas – que já Justino Mendes de Almeida e Bandeira Ferreira tinham – sobre a identificação do dedicante e Manuela Alves Dias aponta duas hipóteses, ambas estranhas: uma, que interpreta um I inicial como I (*ovi*), a que se seguiria o epíteto *Eranigi* («das distribuições»), sendo *Ommia* a dedicante; e outra, que traduz 'Júlia Omia, filha de Eranígio'. E ficou definitivamente demonstrado, por miúda análise geológica, que o material da árua é calcário compacto da região e não o granito, como nos parecera.

Se aduzi também este exemplo com algum pormenor foi justamente para mostrar como Bandeira Ferreira e Justino Mendes de Almeida não hesitavam (como disse) em abalançar-se na análise de monumentos, ainda que eles, como este, dada a erosão a que a superfície epigrafada foi sujeita (vide foto 1), se prestem mais a dúvidas do que a certezas.

Direi ainda do interesse¹⁴ da identificação do périplo feito pelo chamado *Anónimo Napolitano*, desde Lisboa a Sintra, passando por Cascais. Identificara eu pela mesma ocasião¹⁵ o *Sam Paulo* registado nesse manuscrito da Biblioteca de Nápoles não com a igreja de S. Paulo de Lisboa (onde vinha sendo procurado desde o tempo de Hübner e de Leite de Vasconcelos) mas com uma capela de Manique (freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais). E, por isso, quadrou muito bem esta identificação/releitura crítica de Fernando Bandeira Ferreira e Justino Mendes de Almeida, de modo que pude, assim, incluir no *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais* textos cuja proveniência era obscura e que, desta forma, se relacionavam com o Casal do Clérigo, S. Domingos de Rana, Colares...

Na *Revista da Faculdade de Letras*, de Lisboa, III série, 3, 1959, p. 168-195, escreve Fernando Bandeira Ferreira o artigo *Ab Olisipone Salaciam*, onde, com base em argumentos da mais variada índole, procura localizar *Equabona*, *Caetobriga*, *Caeciliana*

¹³ Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), «O sexo dos deuses romanos», *Scripta Antiqua*, Valladolid, 2002, 517-525.

¹⁴ Que já tive ensejo de realçar: cf. *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais, 2, 2001, 11-12. A identificação foi feita no artigo de *Varia epigraphica* publicado na *Revista de Guimarães* de 1967, atrás referido.

¹⁵ Num trabalho elaborado em 1965, que viria a ser publicado, em 1968, pela Junta de Turismo da Costa do Sol: *Notas sobre Alguns Vestígios Romanos do Concelho de Cascais*. A ideia seria desenvolvida em «*Aracus Aranius Niceus*, uma divindade indígena venerada em Manique de Baixo (Alcabideche)», *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, 2, 1974, 195-204.

e *Malveira* e delinear o traçado dessa via. Uma faceta mais da sua actividade de investigador nos âmbitos arqueológico e epigráfico.

De resto, esse interesse pela Epigrafia poderá, certamente, fazer-se remontar a meados da década de 50, quando publicou na *Brotéria* (revista onde campeara Eugénio Jalhay, falecido em 1950, aberta, então, por seu intermédio, aos artigos de temática de História Antiga e de Epigrafia), nº 61, 1955, p. 414-424, «Notícia de três inscrições lusitano-romanas de Janas e de S. Miguel de Odrinhas», texto, aliás, da comunicação que fizera, a 24 de Maio de 1953, no recém-criado Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia («anexo», digamos assim, ao Museu Etnológico Leite de Vasconcelos).

E como é que Bandeira Ferreira tinha conhecimento dessas inscrições que, nessa altura, se chamavam de «lusitano-romanas»?

Ou, se calhar, tempo é de esclarecermos, a esse propósito, de como se chegou hoje aqui, a esta sessão de homenagem.

Uma ex-estudante minha, a Dra. Maria João Ângelo, lera num artigo de Gustavo Marques¹⁶ que uma inscrição da Torre dos Namorados (Fundão), que aquele lograra obter por oferta, estava a ser estudada «pelo sr. dr. Fernando Bandeira Ferreira». Nada mais se soubera, porém, acerca da epígrafe – como, aliás, acontecia amiúde com materiais arqueológicos que «caíssem na alçada» de G. Marques. Naturalmente, Maria João Ângelo perguntou-me, porque estava precisamente a fazer o levantamento arqueológico da Torre dos Namorados. Não estive com meias medidas, peguei na lista telefónica de Lisboa e informei-a do contacto. Respondeu-me pouco depois: o Sr. Dr. já falecera há algum tempo! Admirei-me. De nada ouvira falar (é certo que não sou muito dado a ler os jornais diários e a necrologia). Contactada, a família, porém, mostrou-se de imediato receptiva a tudo em que pudesse ajudar. Telefonei, pois, ao Sr. Prof. Justino Mendes de Almeida e disse-lhe do meu espanto. Pois fora assim, disse-me. Uma circunstância complicada. Nada se fizera – mas podia ainda fazer-se! E, dias depois, o Doutor João Luís Cardoso telefona-me a perguntar se eu poderia evocar a memória de Fernando Bandeira Ferreira. Claro, que sim, na sua faceta de epigrafista, porque dele falava amiúde nas aulas, embora apenas tivesse contactado directamente com ele duas vezes: aquela já atrás referida, da árua do Museu de Alenquer, e uma outra, no edifício da Biblioteca Nacional, quando ali funcionava a Direcção Geral do Património Cultural – era directora Natália Correia Guedes – e, numa das reuniões da Comissão Nacional Provisória de Arqueologia (creio que era então esse o organismo a que eu pertencia, em representação da Universidade de Coimbra), foi Fernando Bandeira Ferreira que eu presidiu ou representou o colega que estava indigitado para essa função. Nada mais.

Ousei aceitar o desafio e pedi elementos biográficos – que inteiramente desconhecia.

a

¹⁶ In *Conimbriga* 8 1969 67 n. 1.

A sua filha, Dra. Isabel Bandeira Ferreira; teve a gentileza de mos fornecer de uma forma cativante, porque, tendo sido publicado em 1998, em Lisboa, o vol. V do *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, onde existe a entrada “FERREIRA, Fernando Bandeira”, o nosso homenageado caprichou em fazer ele próprio – para completar o que lá se dizia – um texto que, datado de Setúbal a 2 de Dezembro de 2001 (Fernando Bandeira Ferreira viria a falecer, oito meses depois, exactamente a 2 de Agosto de 2002), reza o seguinte – e que me seja perdoada a transcrição integral e, inclusive, a reprodução facsimilada de um trecho, pois se me afigura de interesse saber o que Bandeira Ferreira queria que dele ficasse a saber-se. Aliás, numa sábia definição de Giancarlo Suisini que eu adaptei para português, «Epigrafia é a ciência que estuda a forma como o Homem, em determinado momento, seleccionou ideias para as transmitir aos vindouros». Aqui não é uma epígrafe, mas é como se fosse!

Transcrevamos, pois:

1. Nome

Bandeira Ferreira, Fernando (nome literário; nome oficial – F. Alberto Ricca B. F.), nascido em Lisboa (freguesia de S^{ta}. Isabel), em 10 de Setembro de 1921.

2. Nota biográfica

Licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa e curso completo de Ciências Pedagógicas pela mesma Faculdade. Em 1947, foi convidado para assistente da mesma Faculdade, onde, durante os anos lectivos de 1947-48 a 1952-53, regeu cursos teóricos e práticos das cadeiras de Arqueologia, Epigrafia (estes com o Prof. Scarlat Lambrino, da Universidade de Bucarest), História da Antiguidade Oriental, História da Antiguidade Clássica, Numismática e Esfragística, História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa, História Medieval, História Moderna e Contemporânea e História Geral da Civilização. Em 1951, foi nomeado vogal da Junta Nacional da Educação (Secção de Arqueologia), funções que desempenhou até 1972. Durante esses 21 anos, apresentou múltiplos pareceres que se encontram no arquivo dessa instituição. Em 1958, foi nomeado técnico especialista do Museu Nacional de Arqueologia, então denominado M. Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. Em 1961, foi nomeado inspector da Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, donde transitou, como técnico especialista, para a Direcção-geral dos Assuntos Culturais, depois denominada D-G. do Património Cultural que, mais tarde, se transformou no Instituto Português do Pat. Cultural. Atingiu o limite de idade em 1991, como assessor deste organismo.

Foi, ainda, vogal da Comissão Nacional da Carta Arqueológica de Portugal.

3. Nota bibliográfica

De 1941 até ao presente, colaborou em vários jornais e revistas, designadamente *Mundo Literário* (algumas recensões bibliográficas), *Seara Nova* (onde publicou uma série de artigos intitulada *Viagens de Descobrimento de Iniciativa Particular no Tempo do Infante D. Henrique*, depois inserta em volume nos *Cadernos* da mesma revista), *Revista de Guimarães* (artigos de epigrafia e arqueologia), *Brotéria* (epigrafia), *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* (arqueologia), *Conimbriga* (arqueologia) e *Bibliotecas – Arquivos – Museus* (revista de que foi director e onde publicou a primeira parte de *Alguns Topónimos Indicativos de Monumentos Arqueológicos*, obra que já completou, mas cuja continuação se encontra inédita). De colaboração com o Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida, publicou as séries *Varia epigraphica*, na *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* e na *Revista de Guimarães*. Colaborou, também, no monumental *Glossarium Archaeologicum*, editado pela R. H. Verlag, de Bonn, e PWN, de Varsóvia, e na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

Como sócio, efectuou na Sociedade de Geografia de Lisboa e no extinto Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia várias comunicações nas áreas das ciências arqueológicas, epigrafia e toponímia.

Participou no XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências de 1950, no II Congresso Nacional de Arqueologia de Espanha (1951) e no Congresso Internacional de História dos Descobrimentos, de 1960, que secretariou e onde apresentou uma comunicação acerca do descobrimento de Madagáscar.

4. Trabalhos de campo

Prospecções em vários locais arqueológicos de Lisboa e arredores, Almada, Palmela, Setúbal, etc.; escavações na Tróia de Setúbal (nove campanhas) e na estação lusitano-romana da praça da Figueira, em Lisboa, que dirigiu no primeiro semestre de 1962.

Setúbal, 2001.12.02

Fernando Bandeira Ferreira

Scarlat Lambrino viria a falecer em 1964 e foi, decerto, na escola deste Mestre que Fernando Bandeira Ferreira ganhou o bichinho pelas pedras com letras.

A obra inédita a que alude – sobre topónimos indicativos de monumentos arqueológicos – encontra-se na posse do Dr. José Cardim Ribeiro, director do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas, que tem intenção de a passar à estampa, como Fernando Bandeira Ferreira almejava. É de fôlego, segundo julgo saber.

No volume da *Bibliografia Arqueológica Portuguesa* relativo a 1935-1969 (Lisboa 1984), preparado por Eduardo Pires de Oliveira, há, sob o nome de Fernando Bandeira Ferreira, 19 entradas (as 6 *Varia epigraphica* ocupam um título só): a primeira é do I volume d'O *Arqueólogo Português* (2ª série) sobre novos achados na estação arqueológica da Ponta do Cabedelo (Costa da Caparica); a última, sem contar a *Varia epigraphica* de 1969, um texto sobre o Paleolítico de Tróia de Setúbal inserto na *Revista de Guimarães*. No volume referente à década de 70, só figuram os dois artigos já citados.

Bandeira Ferreira faleceu em Setúbal. São estes – que nós dizemos... – «acazos» da vida que se tornam coincidências. Setúbal, na verdade, foi alvo da sua investigação: além de dois textos sobre Tróia, redigiu para o 1º volume de *Conimbriga* (1959) um artigo, a que já se aludiu, em que faz o ponto da situação acerca do problema da localização de Cetóbriga. E no nº 4 (1965) disqueteia sobre «a pretensa relação Caetobriga < štŵyr – štübr» – concluindo por sérias dúvidas. E também este texto é datado de Setúbal, Agosto de 1962.

Quase nada convivi com Fernando Bandeira Ferreira. Estando eu no Instituto de Arqueologia desde 1976, ligado às lides arqueológicas e do património, nomeadamente como conselheiro, durante mais de uma década, do Instituto Português do Património Cultural (IPPC) e do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR), era natural que amiúde nos tivéssemos cruzado. Não cruzámos. Isto porque o Dr. Bandeira Ferreira foi, sobretudo, o investigador sereno que nunca se pôs em bicos de pés para que o vissem, o técnico competente que, no seu cantinho, leva o seu múnus muito a sério. **No seu cantinho.** Daí também, quiçá, que seja só agora – quase dois anos volvidos sobre o seu passamento! – que, nesta casa (que foi sua!), a sua saudosa memória assim esteja a ser evocada.

o de Colonização Prê-histórica, História Medieval, História Moderna e Contemporânea e História Geral e Civilização. Em 1951, foi nomeado vogal da Junta Nacional ^{da Educação} (Secção de Arqueologia), funções que desempenhou até 1972. Durante ^{esses} ~~estes~~ 22 anos, apresentou múltiplos pareceres que se ~~encontram~~ ^{encontram} no arquivo ~~desta~~ ^{dessa} instituição. Em 1958, foi nomeado técnico especialista do ~~antropologia~~ Museu Nacional de Arqueologia, então denominado M. Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. Em ~~1956~~ 1961, foi nomeado inspetor ~~das Bibliotecas e Arquivos~~ de Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, donde tornou-se, como técnico especialista, periz a Direcção-Geral dos Assuntos Culturais,

de Madagáscar.

4. Trabalhos de campo - prospecções em várias locais arqueológicas de Lisboa e arredores, Alameda, Pelmeira, Setúbal, etc.; escavações na Tróia de Setúbal (nove campanhas) e na estacção lusitano-romana de praça de Figueira, em Lisboa, ~~escavações~~ que dirigiu no primeiro semestre de 1962.

Setúbal, 2001.12.02.

Fernando Bandeira Ferreira